

**RESUMO DE: PORTUGAL ILUSTRADO PELO SEXO
FEMININO DE DIOGO MANUEL AIRES DE AZEVEDO
(LISBOA, 1734), TRADIÇÃO DO GÉNERO**

Carla Avelino

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Portugal

carla@iscap.ipp.pt

O presente artigo tem por alvo a apresentação do estudo da tradição do género da obra de Diogo Manuel Aires de Azevedo, intitulada *Portugal ilustrado pelo sexo feminino, notícia histórica de muitas heroínas portuguesas que floresceram em virtude, letras e armas*, publicada em Lisboa, em 1734.

O tema abordado por Diogo Azevedo – descrição de inúmeras “vidas” de mulheres portuguesas que se destacaram pelas suas acções notáveis – permite-nos aferir da intenção didáctica e moralizadora da obra e, como tal, inseri-la na longa tradição das biografias femininas, associadas ao relato hagiográfico. A grande divulgação deste género é iniciada por Boccaccio em *De mulieribus claris* e tem continuidade numa pléiade de autores nacionais e internacionais, tais como Juan Perez de Moya, Frei Luís dos Anjos, Damião de Froes Perym e tantos outros.

Propomo-nos apresentar um estudo cujos objectivos se prendem com o desejo de despertar o interesse de um vasto público, especializado ou não, pela leitura de uma obra do séc. XVIII, que pela sua especificidade se reveste de grande interesse literário, histórico e cultural.

Summary of: *Portugal ilustrado pelo sexo feminino de Diogo Manuel Aires de Azevedo (Lisboa, 1734); Tradição do género*

The present essay has for its main target the presentation of the study and

of Diogo Manuel Aires de Azevedo's work, titled *Portugal ilustrado pelo sexo feminino, notícia histórica de muitas heroínas portuguesas que floresceram em virtude, letras e armas*, published in Lisbon, in 1734.

Diogo Azevedo's matter subject - describes the numerous lives of Portuguese Women who distinguish themselves by noble actions - allowing us the insight of the didactic and moral value of their work and by such being part of the long traditional feminine biographies, associated to the hagiographic descriptions. The great diffusion of the theme as began with Boccaccio in *De mulieribus claris* and proceeded by Juan Perez de Moya, Frei Luís dos Anjos, Damião de Froes Perym and others..

We propose to present this study in witch the main objectives is sustained by the desire to bring to the, specific or not , major public's attention a work from the XVIII century, which by it's specifics reveals itself of enormous literature, historic and cultural importance.

Palavras-chave: Mulheres-heróismo- patriotismo-altruísmo-abnegação

Keywords: Women-heroism-patriotism-altruism-abnegation

**PORTUGAL ILUSTRADO PELO SEXO FEMININO DE DIOGO
MANUEL AIRES DE AZEVEDO (LISBOA, 1734) - TRADIÇÃO DO
GÉNERO**

*Essere donna significa essere creatura umana con
condizioni di privilegio naturale, perché è sempre nel suo
seno che germoglia la vita, quindi la donna è senz'altro
in cima all'umanità..."*

(Alberto Tura, Parliamo di donne: nella vita e
nella storia)

Em *Portugal ilustrado pelo sexo feminino*, Diogo Manuel Aires de Azevedo¹ dá-nos a conhecer as vidas de muitas mulheres portuguesas que se destacaram heroicamente em diferentes áreas – a santidade, as letras, as armas – e que, por tais acções, são merecedoras do destaque e dos elogios do autor.

O tema não é inovador uma vez que, principalmente a partir do séc. XVI, este tipo de documentos, que tratam o mesmo tema, perseguindo os mesmos objectivos ²moralizadores e edificantes, se tornam mais frequentes e procurados por motivo de vários condicionalismos sócio-culturais (como veremos de seguida).

Sempre houve mulheres virtuosas, criadoras e destemidas, capazes de enfrentar qualquer adversidade, mas faltou quase sempre quem revelasse os nomes, quem desse a conhecer os rostos, quem desse voz aos silêncios impostos, uma vez

¹Diogo Manuel Aires de Azevedo é pseudónimo do P.e Manuel Tavares, presbítero da Congregação do Oratório de Lisboa, para onde entrou ainda jovem, no dia 8 de Dezembro de 1723. ¹

Natural da cidade de Lisboa, filho de Manuel Tavares e de Filipa Maria do Espírito Santo, terá usado como pseudónimo o nome de seu irmão, como sinal de modéstia e recato.

que a maioria das mulheres estava socialmente excluída de qualquer função pública ou de qualquer actividade revestida de maior notoriedade, à excepção de algumas delas pertencentes a classes privilegiadas, algumas nobres, princesas ou rainhas. A sua existência estava confinada ao trabalho doméstico, em benefício da família, ou então à clausura do convento³. A mulher que não se enquadrasse nestes cânones era, muitas vezes, condenada a ostracismo ou até castigada sob qualquer acusação (bruxaria, heresia ou de prática abortiva), simplesmente porque tomava a liberdade de mostrar algum controlo sobre a sua vida. O governo das suas vidas, assim como os escritos sobre mulheres tinham a tutela masculina⁴. As que ousavam incursionar no mundo da escrita – condição privilegiada às já referidas mulheres instruídas, pertencentes a famílias com estatuto social superior – procuravam, como defende Nieves Baranda, “emular a sus pares hombres y de los cuales son pálido y desvaído reflejo, que nunca alcanza la calidad literaria necesaria para llegar a ocupar por derecho propio un puesto en el canon de la gran cultura literaria”⁵.

A dificuldade em afirmar a sua autonomia, bem como as suas capacidades, resulta numa escassez de informações precisas, que complica a tarefa dos autores que tentam aprofundar as histórias sobre mulheres. A falta de dados só é colmatada com o recurso a documentos dispersos que se vão complementando.

Assim, por todas as razões evocadas (entre outras) os temas relacionados com a condição feminina não conheceram grande divulgação, ao longo dos

³ O convento surge, inúmeras vezes, no universo feminino como o espaço que garante a subsistência do corpo e da alma. Para as mulheres de classe social desfavorecida, incapazes de pagar o dote, a religião supre as necessidades físicas e espirituais; cf. Jean-Michel SALLMAN, *Naples et ses saints à l'âge baroque* (1540-1750).

⁴ Não houve, ao longo da História, muitos casos de mulheres que tivessem conseguido retirar aos homens o apanágio da escrita sobre o tema feminino. Porém, os poucos registos que chegam aos nossos dias são reveladores de uma tenacidade e coragem dignas de memória. Christine de PISAN (1364-1430) contraria a “tradição misógina” (ainda que não o faça deliberadamente) por necessidade material e também por vontade pessoal, no seu tratado *Cité des Dames*, através do qual defende, informa e aconselha as mulheres.

⁵ Nieves BARANDA, “Escritoras sin fronteras entre Portugal y España en el Siglo de Oro”, *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, Fac. de Letras da Univ. do Porto, n.º 2, 2005, p. 219

tempos, embora possamos constatar que os relatos sobre mulheres são intemporais, o que permite supor o interesse que o tema terá tido desde sempre para vários autores.

Desde a Antiguidade até ao Renascimento surgem inúmeros documentos com intuítos edificantes, que têm por objecto o elogio às mulheres ilustres. As biografias escritas por Plutarco já contêm laivos de panegírico, o que nos permite afastá-lo dos géneros meramente históricos e aproximá-lo da biografia aliada à exemplaridade⁶. Embora Plutarco inicie o tratamento do tema, a divulgação do género faz-se com o *De mulieribus claris*, de Boccaccio. Na galeria de “vidas” que o autor apresenta, são citados e elogiados inúmeros vultos femininos do passado (procedentes da mitologia ou de fontes históricas e literárias), mas também referem algumas contemporâneas. Perseguindo o mesmo objectivo didáctico - a educação feminina – a publicação deste tipo de obras torna-se mais frequente desde então.⁷

A intenção didáctica destas obras preconizada pelos humanistas renascentistas, que assumem a seu cargo a revitalização da dimensão social da família (em resultado de uma nova atitude provocada por novos fenómenos políticos e sociais, que se fazem sentir por toda a Europa), favorece uma mudança de opinião em relação à mulher, considerada como pilar fundamental da família. As obras que lhes são agora dedicadas pretendem moldá-las para que desempenhem, de forma capaz, as funções sociais que lhes são atribuídas. Recorrendo a narrativas, retratos exemplares e relatos, estas obras de pendor edificante propõem modelos ideais de comportamento feminino, baseados em biografias exemplares de outras

⁶ O *Memorabilibus et claris mulieribus* de PLUTARCO deverá ter servido de apoio a BOCCACCIO na redacção de *De mulieribus claris*.

⁷ São disso exemplo os *Tratado en defensa de las virtuosas mujeres*, de Mosen Diego de VALERA ou o *Jardín de nobles doncellas* (1468), de Frei Martin Alfonso de CÓRDOBA; obras que encerram uma vertente doutrinal sobre mulheres, com o intuito da sua formação moral; cf. José L. Sánchez LORA, *Mujeres, conventos y formas de la religiosidad barroca*, FUE, Madrid, 1998

mulheres⁸. Tentam sobrepor-se à literatura de ficção (que circula em vernáculo desde o Renascimento e, portanto, acessível à maioria das mulheres leitoras), considerada perniciosa, capaz de influenciar de forma negativa as *vulneráveis* mulheres.

No decorrer dos sécs. XV, XVI e XVII, em diferentes latitudes, vários autores perseguem o mesmo propósito de enaltecimento de vultos femininos com vista à exemplaridade. Diferentes tipos de publicações atestam essa realidade, nomeadamente o *Libro de las claras e virtuosas mujeres* (1446), de Álvaro de Luna; em Itália surge *De claris selectique mulieribus* (1497), de Jacopo Filippo Bergamo; *Libellus de honore mulierum* (1500), de Benedicto Cesenas e *Mulieres fortes* de Ambrosio Panuci (Roma, 1594); em França, o mesmo assunto resulta da pena do poeta Jehan Bouchett⁹; em Espanha e na Flandres, Juan Luís Vives publica o seu tratado sobre a *Educación de la mujer Cristiana* (1524) e Alonso Garcia Matamoros dá a conhecer *Pro adserenda Hispanorum eruditione* (1533); na Alemanha, Henrique Cornélio Agrippa compõe, em Colónia, um tratado que designa *De nobilitate & praecellentia femine sexus, ejusdemque supra virilem eminentia libellus*, traduzido para francês com o título *De la grandeur et de l'excellence des femmes au dessus des hommes*.

Retomando o caso espanhol, constatamos que, por vezes, o elogio a mulheres ilustres adquire carácter hagiográfico, porquanto podemos aferir da relação estreita entre a hagiografia edificante pensada em moldes de panegírico.

Em 1555, Domingo de Valtanas Mexia publica as vidas de nove santas muito “esclarecidas” em *Epítoma y sumera*¹⁰ e Juan de Espinosa apresenta uma enumeração de mulheres ilustres em *Diálogo en laude de las mujeres* (1580). Em 1583,

⁸ Na esteira desse objectivo D. Martín CARRILLO em *Elogios de mugeres insignes del viejo testamento*, afirma, nas “Advertências al lector de estos elogios”, que dá a conhecer não só vidas de mulheres insignes, mas também das “viciosas” para que as leitoras não incorram nos erros daquelas e, pelo contrário, adoptem os casos edificantes como modelo das suas condutas.

⁹ *Le temple de bopnne renommée et repos des hommes et femmes illustres* (1516)

¹⁰ *Epítoma y sumario de la vida y excelencias de trece patriarcas del testamento nuevo y de nueve muy esclarecidas sanctas, con anotaciones de materias morales en cada una de ellas y algunos apontamientos de cosas de España*, Sevilha, 1555.

Juan Perez de Moya traz a lume *Varia historia de sanctas e illustres mugeres en todo género de virtude*, obra que segue o modelo de Boccaccio, embora se distancie deste autor em vários aspectos: opção pela escrita em romance e a junção de duas tradições distintas – a hagiográfica e a histórica; o próprio título aponta de imediato para essa realidade ao aludir às mulheres santas e às ilustres¹¹.

Em *Portugal ilustrado pelo sexo feminino*, aparecem citados vários autores que trataram o mesmo tema em moldes semelhantes aos de Diogo Azevedo, nomeadamente Frei Luís dos Anjos¹² e o seu “deleitoso” *Jardim de Portugal* (1626), onde são retratadas e elogiadas muitas portuguesas que se destacaram em virtudes (o autor não inclui as mulheres escritoras nem as guerreiras); Jorge Cardoso é referido a propósito de *Agiológicos*¹³; António de Sousa Macedo¹⁴ é citado pelo autor como fonte de consulta fidedigna, capaz de esclarecer, em *Flores de Espanha e Excelências de Portugal*, as informações que determinado autor (padre Mariana) fornece “com tão leve fundamento”¹⁵ sobre a origem de algumas personalidades citadas.

¹¹ Cf. Juan Perez de MOYA, *Arithmética práctica y speculativa. Varia historia de sanctas y illustres mugeres*, edición y prólogo de Consolación BARANDA, Biblioteca Castro, 1998

¹² Frei Luís dos Anjos e Jorge Cardoso não aparecem directamente citados por Diogo AZEVEDO, mas antes pelo censor Frei Manuel de SÁ, ao revelar que o tema das mulheres virtuosas “Já o reverendíssimo P. M. Fr. Luís dos Anjos, religioso eremita de Santo Agostinho havia feito eruditíssima memória no seu deleitoso *Jardim de Portugal*”. Em relação a Jorge CARDOSO, o censor destaca as ilustres heroínas carmelitas observantes que Jorge Cardoso não esqueceu; *Portugal ilustrado...*, ed. cit., Licenças do Sto. Ofício.

¹³ Obra na qual o autor confessa a sua devoção aos santos da pátria e aponta a “negligência dos antigos” em registar a memória dos seus santos ou por deixarem apenas “breves e obscuras” memórias que pouco dizem; cf. Joaquim Fernandes da CONCEIÇÃO, *Espiritualidade e religiosidade no Portugal Moderno. O Agiologio de Jorge Cardoso*, Porto, 1996

¹⁴ Em *Flores de Espanha e Excelências de Portugal*, António de Sousa MACEDO acaba por tecer uma crítica semelhante à de Jorge Cardoso, mas neste caso particular com o intuito de reforçar a identidade portuguesa, distinguindo-a da identidade hispânica, enaltecendo os ilustres portugueses que se destacaram em actos dignos de memória.

¹⁵ Diogo AZEVEDO, *Portugal ilustrado...*, ed. cit., p. 4

Para além dos autores aludidos na obra, muitos outros poderiam ter servido de apoio à composição do padre oratoriano, por terem tratado o mesmo tema de forma análoga; Duarte Nunes de Leão dedica um capítulo da sua *Descrição do reino de Portugal* (1630) à defesa da vocação das mulheres para as artes e letras, lamentando não haver mais casos divulgados devido à “honestidade e vergonha que as enfrea e as encolhe, principalmente em Portugal, onde as mulheres se não mostram em público”¹⁶. Bento Jerónimo Feijó, monge beneditino, escreve em 1729 uma *Defensa das mulheres illustres*.

Dois anos após a publicação do *Portugal ilustrado pelo sexo feminino* (1734), mais concretamente em 1736 e 1740, Damião de Froes Perym faz no *Theatro heroíno, abecedário histórico e catálogo de mulheres illustres em armas, letras, acçoens heróicas e artes liberaes*¹⁷, em nosso entender, uma espécie de versão alargada da obra de Diogo Azevedo, uma vez que, para além de citar exactamente os mesmos casos - muitas vezes, com descrições narradas com os mesmos detalhes do padre oratoriano - Froes Perym vai mais longe no número de casos abordados, conseguindo completar dois volumosos tomos (tal como havia pensado Diogo Azevedo) com prestigiadas vidas de inúmeras mulheres. A grande diferença entre as duas compilações reside no facto de o *Theatro heroíno, abecedário histórico...* de Perym não se limitar à esfera nacional, mas antes a “um theatro universal das mulheres illustres” (Dedicatória, tomo I).

Com efeito, o séc. XVIII acolheu favoravelmente numerosas obras de carácter histórico e literário (em virtude da situação política e social de renovação e elevação do património cultural português, como atrás referimos), de entre as quais devemos salientar os estudos sobre mulheres, que contribuem para fazer do séc. XVIII um dos períodos mais benéficos para a condição feminina, ainda que

¹⁶ Cf. Duarte Nunes de LEÃO, “Da habilidade das mulheres portuguesas para as letras e artes liberaes”, in *Descrição do reino de Portugal*, Universidade de Lisboa. Centro de História, Lisboa, 2002, p. 303.

¹⁷ Damião de Froes PERYM, *Theatro heroíno, abecedário histórico e catalogo das mulheres illustres em armas, letras, acçoens heróicas e artes liberaes*, Lisboa Occidental, na Officina da Musica de Theotonio Antunes Lima, 1º tomo 1736, (BN- H.G. 11899 V); 2º tomo 1740 (BN- H.G. 11900 V)

continuassem a ressoar os ecos de algumas vozes dissonantes que criticavam a mulher, contrariando, assim, os avanços preconizados pelo Renascimento. A título de exemplo poderíamos referir o discurso, por vezes inflamado, do ilustre pregador jesuíta, Pe. António Vieira, que repudia a mulher que se deixa corromper por excessos de vaidade e outras minudências como a formosura.¹⁸ Esses comportamentos exacerbados, adoptados por outros autores, eram já apontados (no séc. XVI) por Juan Justiniano, que os rotulava de “desordenados” uma vez que “en lugar de dar la mano alas mugeres, les dieron el pie: no instruyendolas ni enseñandolas sino reprehendiendolas y vituperandolas”.¹⁹ Os preconceitos masculinos em relação às mulheres, a repressão que o seu poder exerce sobre elas (talvez por recearem as suas próprias debilidades face às capacidades femininas), continuaria a fragilizá-las e a incapacitá-las²⁰.

¹⁸ Padre António VIEIRA, cf. “Sermão do demónio mudo”, *Sermões*: “E para que não pareça cousa incrível no juízo de uma mulher antepor a glória ou idolatria de estar contemplando a sua formosura, à dignidade e divindade de ser como Deus, seja juiz e prova o mesmo demónio”, p. 1175; “E como este apetite de bem parecer, herdado de tão longe, e esta inclinação e estimação, fundada nos ornatos de uma caveira, e no esquecimento dela é tão natural e tão própria do género feminino...”, p. 1179; Padre António VIEIRA, “Sermão do demónio mudo (pregado no Convento de Odivelas, às religiosas do patriarca S. Bernardo, no ano de 1661)” *Sermões*, vol. I, Obras completas de António Vieira, prefaciadas e revistas pelo ver. Pe. Gonçalo Alves, Lello e Irmão Editores, Porto, 1993.

¹⁹ Juan JUSTINIANO, trad. castelhana da *Institutio Foeminae Christianae* de Luís Vives, in Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Cartas e Guias, Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*, Instituto de Cultura Portuguesa, cap. III “O nortejar de estados”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1995, p. 106.

²⁰ O desprezo pela mulher chega a ser uma convenção; as próprias acabavam por acreditar nas suas incapacidades. Como refere Maria Antónia LOPES “As autobiografias de freiras de finais do séc. XVII e princípios do seguinte são um bom exemplo do desprezo que as mulheres sentem por si próprias, pelo seu corpo, pela sua vontade, pelo seu entendimento.”, *Mulheres, Espaço e Sociabilidade; a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz das fontes literárias*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989, p. 27. Esta consciencialização da incapacidade negava-lhes a intenção de procurar saber. Talvez este mote sirva de argumento para sustentar as palavras de Teresa Leitão de BARROS quando afirma que “só muito recentemente a mulher portuguesa se tem preocupado com a arrumação do cérebro, depois da arrumação da casa”, in *Escritoras de Portugal*; vols. I, p. 24.

Mas retomemos as ideias de autores que optam por valorizar e enaltecer as proezas femininas.

Diogo Manuel Aires de Azevedo dá sequência ao propósito da divulgação de “vidas” exemplares no *Portugal ilustrado pelo sexo feminino*. O título da obra aponta para isso mesmo: são abordadas as mulheres que ilustraram ou dignificaram a nação com os seus feitos notáveis.

O legado que o autor nos deixa reveste-se de enorme importância pedagógica e moral ao contemplar o testemunho de prestigiados “exempla”²¹, isto é, de “vidas” recheadas de actos heróicos e comportamentos exemplares que deveriam tornar-se alvo de inspiração para todas as mulheres que delas tomassem conhecimento e, conseqüentemente, imitassem esses modelos de virtude, inteligência e heroísmo. Devemos, por essa razão, inserir a obra no vasto universo hagiográfico, em particular na longa tradição de obras que narram biografias femininas de carácter edificante.

²¹ “...baseados em casos reais que, provocando admiração, podiam e deviam também suscitar desejo de imitação”, Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Jardim de Portugal* de Frei Luís dos Anjos, Edição Crítica, Campo das Letras – Editores, S.A., 1999, p. 20

Conclusão

Diogo Manuel Aires de Azevedo quis atribuir a cada mulher “a glória dos serviços que soube prestar e dos exemplos que deixou”²². Mas acima de tudo, quis propor modelos de mulheres não só do passado, figuras históricas, distantes, mas também contemporâneas²³, cujos exemplos, estando mais próximos das leitoras, se revestem de maior veracidade e, portanto, se tornam mais tangíveis, mais plausíveis de imitar.

O autor torna-se em mais um dos fiéis depositários das mulheres, que figurará na galeria dos garbosos defensores dos valores e direitos da mulher portuguesa pois, apesar de não o fazer propositadamente, o padre oratoriano contrária, de certa forma, hábitos instalados, que cerceavam os direitos das mulheres à liberdade de ação e de criação.

Através da sua obra, o autor dá vida a inúmeros vultos femininos, pois retira-os do anonimato e dá voz aos seus sussurros silenciosos.

O Portugal *ilustrado pelo sexo feminino* é, assim, um tributo à mulher portuguesa que a retira das margens da sua própria existência e a imortaliza, porque “No le bastan a un Reyno para ser famoso heroicas virtudes de sus naturales, si le faltan escritos que las publiquen, porque la memoria de aquellas con el tiẽpo (como todo) se acaba y estos hazen con que viua eternamente libre de las leyes del oluido”²⁴.

Inquestionável se torna, nos dias de hoje, a pertinência do tema da valorização da condição da mulher, por essa razão, citamos as palavras de Dom

²² Eduardo NORONHA, *Heroínas Mulheres (galeria feminina)*, ed. cit, p. 13

²³ “D. Rosa Maria Clara de Lima (...) presentemente vive e é uma senhora...”, *Portugal ilustrado*, cap. II, p. 88

²⁴ António de Sousa MACEDO, *Flores de España, Excelências de Portugal, en que brevemente se trata lo mejor de sus historias, y de todas del mundo desde su principio hasta nuestros tiempos, y se descubren muchas cosas nuevas de provecho y curiosidad*, Coimbra, António Simões Ferreyra, 1737, “Al lector”

António da Costa, proferidas há três séculos atrás, mas que se revestem de grande modernidade: “E assim, a mulher portuguesa, lançando a vista para o seu passado, pode ver, com o Código na mão, que se desfizeram densas trevas na sua existência social; que a sua dignidade se elevou e com ella a nobreza da nação e até da humanidade, porque assim como todos os cidadãos formam parte de um povo, todos os povos são solidários, por exemplo, diante da civilização universal”.²⁵

Para terminar podemos afirmar que, embora não corresponda a um sucesso editorial²⁶, o *Portugal ilustrado pelo sexo feminino, notícia histórica de muitas heroínas portuguesas que floreceram em virtude, letras e armas*, é um registo indelével e incontornável sobre acções notáveis propaladas por mulheres portuguesas, acessível a todos os leitores, em particular, aos que se debruçam sobre o estudo desta temática.

*Se a Arte domina pela emoção que desperta e se é absolutamente um lugar-comum afirmar-se que as almas femininas são tesouros de emoção, fácil é concluir que em todas as almas de mulher existem qualidades de Arte.*²⁷

²⁵ Dom António da COSTA, *A mulher em Portugal*, p. 353.

²⁶ Curiosamente, *Varia historia de sanctas e illustres mugeres* também não conheceu um grande êxito; é a única obra de Moya que não se voltou a reimprimir.

²⁷ Teresa Leitão de BARROS, cf. *Escritoras de Portugal* - vol. I, p. 26

Bibliografia

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., Civilização, Porto-Lisboa, 1967-1971

ALVAREZ, José Luis Bouza; *Religiosidad contrarreformista y cultura simbólica del Barroco*, CSIC, Madrid, 1990

AMELANG, James S.; NASH, Mary, *Historia y Género: Las mujeres en la Europa Moderna y Contemporánea*, Edicions Alfons el Magnànim, 1990

AMMON, Dr. Fried Aug. Von, *Deveres maternos e educação primeira da infância*, trad. da 37ª ed. alemã pelo Dr. Albino Moreira de Souza Baptista, revista e prefaciada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Porto, 1902

ANDRADE, António Alberto de, “O rumo dos estudos filosóficos nos Oratorianos”, *Brotéria*, vol. XIII, fasc. 3

ANJOS, Frey Luís dos, *Jardim de Portugal em que se dá notícia de algũas sanctas, & outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão ou viverão, ou estão sepultadas neste reino & suas cõquistas*, impresso em Coimbra em casa de Nicolao Carvalho, 1626. (BN-H.G.3795 P)

BARANDA, Nieves, “Escritoras sin fronteras entre Portugal y España en el Siglo de Oro”, *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, nº 2, 2005

BARBOSA, D. José, *Catálogo chronológico, histórico, genealógico e crítico das rainhas de Portugal e seus filhos*, Lisboa Ocidental, 172

BARRENO, Mª Isabel; COSTA, Mª Velho da; HORTA, Mª Teresa, *Novas Cartas Portuguesas*, Public. D. Quixote, 7ª ed., 1998

BARROS, Teresa Leitão de, *Benditas entre as mulheres: vidas de santas*, Edições Europa –Lisboa, 1936

_____*Escritoras de Portugal: génio feminino revelado na literatura portuguesa*; vols. I e II, Lisboa [s.n.], 1924

_____*Grandes Portuguesas*, “Infanta D. Maria”, livro I, Edições SN, Lisboa, 1949

_____ *No jardim do passado, evocações históricas*, Lisboa

BLANCHARD, Pierre, *A santidade e o nosso tempo*, Editorial Aster, Lisboa, 1960

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, *O Agiologio Lusitano* “Encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa”

_____ “Ignorância e confissão nas primeiras décadas de do séc. XVII em Portugal”, *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

_____ “Recordar os santos vivos: leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do séc. XVII português”

_____ *Jardim de Portugal* de Frei Luís dos Anjos, Edição Crítica, Campo das Letras – Editores, S.A., 1999

FIGUEIREDO, José de, *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portuguesa em virtudes, letras, armas e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos como modernos*, tomo I, na Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1817

FORLI, Biondo da, *Roma Trionfante*, tradotta pur hora per Lucio Fauno di latino in buona língua uolgare, 1549 (BN- H.G.4300 P)

GONÇALVES, Ruy, *Os privilegios e prerrogativas que o género feminino tem por direito comum e ordenações do reino mais que o género masculino*, Lisboa, 1557

GONCOURT, Edmond et Jules de, *La femme au dix-huitième siècle*, Flammarion, 1982

HENRIOT, Emile, *Portrait de femmes: d'Héloïse à Katherine de Mansfield*, 1950

PERYM, Damião de Froes, *Theatro heroico, abecedário histórico e catalogo das mulheres illustres em armas, letras, açoens heróicas e artes liberaes*, Lisboa Occidental, na Officina da

Musica de Theotonio Antunes Lima, 1º tomo 1736, (BN- H.G. 11899 V); 2º tomo 1740 (BN- H.G. 11900 V)

PINA, Luís, “Plano para a educação de uma menina portuguesa do séc. XVIII” (centenário da public. de Método de Ribeiro Sanches), Cale, Porto, Revista da Fac. De Letras do Porto, vol. I, 1960

PISAN, Christine de, *La Cité des Dames* e *Les trois dames de vertu: razão, justice e droicture*, ed. crítica de Maria de Lourdes Crispim, Caminho, 2002

RAULICA, Ventura de, *As mulheres do Evangelho*, Homilias pregadas em Paris, Lisboa, 1859

SANTOS, Cândido dos, *Memória das pessoas que entraram no noviciado da Congregação do Oratório de Lisboa desde a sua fundação até 1760*, 1979

SANTOS, Eugénio Francisco dos, *A crise de consciência em Portugal no séc. XVIII*, Porto, 1978

_____ *Bento José – Memorialista da Congregação do Oratório do Porto*, Porto, 1972

_____ *Livro dos assentos dos noviços da Congregação do Oratório do Porto*, Porto, 1970

SANTOS, Zulmira, “Percurso e formas de leitura *feminina* na segunda metade do séc. XVIII”; sep. rev. Da Fac. Letras “Línguas e Literatuas”, IIª série, vol. XIX, Porto, 2002

_____ “Itinerários de missão do oratoriano Teodoro de Almeida”, Centro de História da Cultura, Terramar, Lisboa, 1999

SILVA, Maria Carolina, *A mulher através dos tempos*, Lisboa: M.C.Silva, 1914

ZARRI, Gabriella, *Recinti, Donne, Clausura e Matrimónio nella prima età moderna*, Il Mulino,